



Apresentação

AS NARRATIVAS PEDAGÓGICAS NO I SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA COM PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS

Juliana Batista Faria¹
Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi²
Denise Alves de Araújo³
Rony Sergio Ferreira Martins⁴
Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca⁵

Quando nos reunimos pela primeira vez com o propósito de organizar o *I Simpósio Brasileiro de Educação Matemática com Pessoas Jovens, Adultas e Idosas*, todas as pessoas presentes se mostraram preocupadas em criar possibilidades de docentes da Educação Básica, sem vínculo com a pesquisa acadêmica, participarem efetivamente do evento. Queríamos criar um modo de participação que evidenciasse e valorizasse o saber da experiência docente na Educação com Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI) e, ao mesmo tempo, fosse acessível para quem nunca tivesse feito uma escrita acadêmica ou participado de um evento promovido por uma universidade.

Foi em meio a essa discussão que a professora Juliana Batista Faria sugeriu que os docentes fossem convidados a escrever “narrativas pedagógicas” e que os pareceristas assumissem o papel de “comentadores” dessas narrativas. Na ocasião, ela relatou um pouco

¹ Doutora em Educação, Professora de Matemática na Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pós-Doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – E-mail: julianabatista@ufmg.br.

² Doutora em Educação, Professora de Matemática visitante no Instituto Federal de Minas Gerais (Campus Ouro Preto) – E-mail: fcdpossas@gmail.com.

³ Doutora em Educação, Professora de Matemática na Escola de Educação Básica e Profissional e Coordenadora do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – E-mail: denisearaujo@ufmg.br.

⁴ Especialista em Educação Matemática, Professor de Matemática e Coordenador de Segmento do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos da Escola Politécnica Joaquim Venâncio – Fiocruz – E-mail: ronysergio@gmail.com.

⁵ Doutora em Educação, Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – E-mail: mcfrfon@gmail.com.



de sua experiência com a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (SUÁREZ, 2016)⁶ na Argentina e com o desenvolvimento desse dispositivo em sua atual pesquisa de pós-doutorado, em que ela investiga estratégias de produção coletiva de narrativas pedagógicas na formação inicial de professoras e professores. A proposta entusiasmou a todas as pessoas que participavam da reunião e foi amadurecida aos poucos, no âmbito de uma comissão científica especificamente criada para o trabalho com as narrativas. Além da professora Juliana, participaram dessa comissão o professor Rony Sergio Ferreira Martins e as professoras Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi, Denise Alves de Araújo e Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca.

Assim, um dos objetivos do Simpósio passou a ser instaurar um espaço coletivo de produção de narrativas pedagógicas por parte de docentes da Educação Básica, por meio das quais as professoras e os professores pudessem compartilhar suas vivências pedagógicas, conversar sobre elas e participar ativamente da escrita de textos que buscassem reconstruir, fortalecer e tornar públicos os saberes de sua experiência com o ensino de Matemática na EJAI.

Para começar esse processo, nós que integramos a Comissão Científica das Narrativas Pedagógicas escrevemos uma carta que convidava as e os potenciais participantes do Simpósio a experimentar algo que poderia ser bastante novo para todo mundo: escrever uma narrativa pedagógica. Nessa carta, explicávamos que as narrativas pedagógicas são textos de diferentes gêneros (cartas, memoriais, relatos de experiência pedagógica, diários etc.) escritos por nós, profissionais da educação, com o intuito de refletir e dialogar com nossos pares a respeito de nossas experiências, leituras, investigações, práticas e relações pedagógicas (PRADO, 2013)⁷. Elas costumam ser escritas de um modo pessoal, contando histórias que vivenciamos em nossos lugares de trabalho e/ou formação e refletindo sobre elas.

⁶ SUÁREZ, D. H. Escribir, leer y conversar entre docentes en torno de relatos de experiencia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 03, p. 480-497, set/dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2999>. Acesso em: 12 ago. 2022.

⁷ PRADO, G. do V. T. Narrativas pedagógicas: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional. In: **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.4, n.10, p.149-165, 2013. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/537>. Acesso em: 22 dez. 2022.



Nessa mesma carta, esclarecemos que havia algo de diferente na escrita que propúnhamos, uma vez que ela poderia romper com a estruturação que costuma ser proposta para os “relatos de experiência” nos eventos acadêmicos que contemplam essa modalidade de apresentação de trabalho. Em geral, as orientações desses relatos indicam que eles devem trazer: introdução, objetivos, referencial teórico, metodologia, resultados, conclusões e referências. Mas queríamos incentivar que as e os participantes, ao escreverem seus textos, se voltassem mais à narrativa da experiência pedagógica sem ficarem presos a esse tipo de estruturação. Por isso, também gravamos um vídeo⁸, no qual apresentamos o “Círculo de Questões Geradoras” (FARIA, 2023, em fase de elaboração)⁹ da narrativa, composto pelas questões: O quê? Quem? Onde? Quando? Como? Por quê? Para quê? Essas questões, aliadas à reflexão pedagógica sobre a experiência relatada, auxiliariam as e os participantes a começar a escrever uma narrativa pedagógica.

Outra ação importante que tivemos no sentido de incentivar a participação de docentes (e de estudantes) foi apresentar a proposta das narrativas pedagógicas na *live* “Conversando sobre a Educação de Jovens e Adultos - EJA”¹⁰, organizada pelo professor Carlos Mathias, em seu canal no Youtube: “Matemática Humanista”¹¹. Em mais um evento da “Série Conversando sobre Educação Matemática”, Carlos Mathias recebeu alguns organizadores do evento: Júlio Valle, Maria da Conceição Fonseca, Mateus Queiroz, Jonson Ney Dias, Juliana Batista Faria e Franciele Busico, para uma conversa sobre a EJA e sobre o Simpósio. A professora Juliana aproveitou a ocasião para esclarecer a dinâmica da escrita das narrativas e para conclamar docentes da Educação Básica e estudantes de Licenciatura a se aventurarem nessa redação e a submeterem seus textos para apresentação no evento.

Ao longo do período de submissão de trabalhos, recebemos inicialmente 28 narrativas e as encaminhamos para docentes que as comentariam de modo a contribuir para a escrita da 2ª versão do texto. Essas e esses docentes comentaristas foram convidados a

⁸ O vídeo pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=2m-4OizBz00>.

⁹ FARIA, J. B. **Narrativas pedagógicas na formação inicial de professoras e professores da educação básica** (relatório de estágio pós-doutoral). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2023, em fase de elaboração.

¹⁰ A *live* pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=C978bWgbuHM>.

¹¹ O canal do Youtube pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/@MatematicaHumanista>.



participar como pareceristas do Simpósio; mas, já no convite, esclarecemos que os convencionais “pareceres” seriam substituídos por “cartas pedagógicas”. Além disso, escrevemos orientações bem detalhadas a respeito da escrita dessas cartas e muitas dessas pessoas buscaram nosso apoio no processo de escrevê-las, já que essa não é uma prática comum na avaliação de trabalhos da maioria dos eventos acadêmicos.

Nas orientações dadas a essas e esses comentaristas, dizíamos que “escrever uma carta pedagógica é expressar um pensamento dialógico em relação à educação, buscando compreender os múltiplos sentidos da experiência pedagógica e conversar sobre os saberes nela construídos” (FARIA, 2023, em fase de elaboração). Destacando que seriam leitoras e leitores privilegiados da 1ª versão do texto, recomendamos que, como comentaristas, realizassem dois movimentos para a escrita de suas cartas. O primeiro movimento seria o de observar a si mesmos enquanto faziam a leitura, procurando contemplar, nessa observação, algumas indagações sobre a própria experiência nessa leitura: como a experiência pedagógica do professor afeta você? O que ela faz você lembrar, sentir, pensar, imaginar? O que você aprende com ela? Você já vivenciou algo parecido? Ou nunca teve a oportunidade (ou a ideia) de fazer algo semelhante? O que você vê de interessante, curioso, intrigante, singelo, singular ou especial na história contada? O segundo movimento seria, então, tecer comentários que expressassem sugestões, questionamentos e reflexões que auxiliassem a professora ou o professor a “contar um pouco mais”, a “esclarecer algo”, a “aprofundar algum aspecto”, a “ampliar alguma reflexão”, a “ver sob outro ângulo” ...

Ao todo foram produzidas 56 cartas. A autora ou o autor (ou o grupo de autores) de cada narrativa inscrita recebeu, portanto, duas cartas pedagógicas. De posse delas, autoras e autores tiveram um tempo para reescrever e submeter a 2ª versão de sua narrativa, sabendo que essa seria a versão integralmente publicada nestes anais. Esse foi outro aspecto importante do processo. Na mensagem que enviamos às autoras e aos autores com as cartas anexadas, destacamos que o processo de escrita das narrativas e das cartas pedagógicas foi uma novidade tanto para a maioria das e dos participantes que escreveram as narrativas, quanto para a maioria das e dos comentaristas que escreveram as cartas, sendo algo desafiador e exigente. Os modos de escrever as narrativas e as cartas foram diversos e as e os comentaristas se dedicaram com esmero a essa avaliação de caráter formativo,



demonstrando vontade de contribuir para que narradoras e narradores pudessem rever seu texto com outros olhares e novas reflexões, fazendo as modificações que julgassem pertinentes. Ou seja: atender às sugestões ou expectativas expressas nas cartas não seria uma condição obrigatória para que a narrativa fosse aceita para publicação. Foi muito importante ter em mente que a autoria da narrativa seria de quem as escreveu e que, por isso, as decisões sobre como incorporar (ou não) as considerações das cartas caberiam única e exclusivamente a essas e esses participantes. E se as cartas pedagógicas de diferentes comentaristas trouxessem propostas conflitantes entre si, por exemplo, as e os autores das narrativas foram orientados a refletir sobre cada proposta para tomar a decisão que julgassem mais adequada.

Depois de um trabalho tão intenso e formativo como esse, em que aprendemos tanto com as narrativas e com as cartas de colegas docentes da Educação Básica e do Ensino Superior, pesquisadores e pesquisadoras e estudantes de licenciatura e da pós-graduação, é com muita alegria que apresentamos, então, um conjunto de 27 narrativas pedagógicas que nos foram enviadas para esta publicação, caracterizadas pela diversidade de temáticas, abordagens e modos de narrar a experiência pedagógica com o ensino de Matemática na EJAI. Leitoras e leitores verão que alguns textos apresentam maior densidade narrativa, outros se assemelham a relatos de experiência convencionais. Há trabalhos que narram experiências mais amplas, envolvendo docentes de outras áreas do conhecimento ou da escola como um todo; outros focalizam episódios pessoais que, em sua singeleza, nos confrontam com o encanto e a complexidade da sala de aula. Cada trabalho é um convite para conhecermos histórias que acontecem com os sujeitos da EJAI e refletirmos sobre a educação (matemática) em uma perspectiva dialógica, crítica e humanizadora.

Agradecemos e parabenizamos a todas as pessoas que participaram do *I Simpósio Brasileiro de Educação Matemática com Pessoas Jovens Adultas e Idosas*, realizado no Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo e no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA Perus I), oriundas de diferentes regiões, escolas e universidades brasileiras. Destacamos, de modo especial, a presença massiva de estudantes de cursos de licenciatura em Matemática que foram autoras e autores de muitas das narrativas aqui presentes, trazendo para esta produção as marcas da jovialidade, do entusiasmo e da esperança que movem as futuras gerações de educadoras e educadores da EJAI.